

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190306-8818>

**CASA DE FAMÍLIA E CASA DE PROSTITUIÇÃO:
EMBATE DE SENTIDOS QUE DIVIDEM A CIDADE***
**HOUSE OF FAMILY (FAMILY HOME)
AND HOUSE OF PROSTITUTION (BROTHEL):
MEANINGS COLLISION THAT DIVIDE THE CITY**
**CASA FAMILIAR Y CASA DE PROSTITUCIÓN:
COMBATE DE SENTIDOS QUE DIVIDEN LA CIUDAD**

Mirielly Ferraça**

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Campinas, SP, Brasil

RECEBIDO EM: 09/11/18

APROVADO EM: 03/07/19

Resumo: *Este artigo busca compreender como a palavra casa significa nos enunciados de sujeitos que moram e circulam pelo Jardim Itatinga (Campinas-SP), conhecido por ser uma zona de prostituição. O corpus é constituído por entrevistas realizadas entre 2016 e 2017 com moradoras, moradores, trabalhadoras, trabalhadores e comerciantes do bairro. Ainda, recorta enunciados da notícia Prostitutas são atendidas pela Igreja Católica (Folha de S. Paulo, 1981), e também, como um trajeto de memória para a palavra casa, principal ponto analítico deste trabalho, recorre a diferentes dicionários de Língua Portuguesa. A pesquisa inscreve-se na Semântica do Acontecimento, desenvolvida por Eduardo Guimarães (2005, 2007, 2009, 2010).*

Palavras-chave: *Semântica do Acontecimento. Entrevista. Casa.*

Abstract: *This work intend to comprehend how the word casa (house) signifies in the utterances of subjects that live and transit in the neighborhood Jardim Itatinga (Campinas-SP), a place famous as a prostitution zone. Interviews made between 2016 and 2017 with residents, male and female workers, and traders/shop owners in the neighborhood constitute the corpus. Furthermore, statements are selected from the news item Prostitutas são atendidas pela Igreja Católica (Prostitutes are assisted by the Catholic Church) (Folha de São Paulo, 1981); also, as a memory trajectory for the word casa (house), the main analytical point of this work, the work resorts to a group of Portuguese Dictionaries. This research is inscribed in the Event semantics (Semântica do Acontecimento), developed by Eduardo Guimarães (2005, 2007, 2009, 2010).*

Keywords: *Event semantics. Interviews. Casa (house).*

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

** Doutoranda em Linguística – Unicamp. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7041-096X>. E-mail: miriellyferraca@gmail.com.

Resumen: Este artículo busca comprender como la palabra *casa* significa en los enunciados de sujetos que viven y circulan por el Jardim Itatinga (Campinas-SP), conocido por ser una zona de prostitución. El corpus es constituido por entrevistas realizadas entre 2016 y 2017 con hombres y mujeres residentes, trabajadores y trabajadoras y comerciantes del barrio. Todavía recorta enunciados de la noticia *Prostitutas são atendidas pela Igreja Católica* (*Prostitutas son atendidas por la Iglesia Católica*) (*Folha de S. Paulo*, 1981), y también, como un trayecto de memoria para la palabra *casa*, principal punto analítico de ese trabajo, recorre a diferentes diccionarios de Lengua Portuguesa. La investigación se inscribe en la Semántica del Acontecimiento, desarrollada por Eduardo Guimarães (2005, 2007, 2009, 2010).

Palabras clave: Semántica del Acontecimiento. Entrevista. Casa.

1 INTRODUÇÃO

Parto de uma perspectiva que considera que as palavras não possuem um sentido unívoco, que elas não são uma representação referencial e verdadeira das coisas do mundo; considero que o sentido se constitui no discurso, no movimento da língua, em condições de produção determinadas historicamente. Ancoro-me, principalmente, em Eduardo Guimarães (2005, 2007, 2009, 2010), Sheila Elias de Oliveira (2012), Eni Orlandi (2001, 2004, 2007) e José Horta Nunes (2001), teóricos que se inscrevem numa posição materialista e que consideram que a relação da linguagem com o real é histórica.

A pergunta que move este trabalho interroga o léxico no movimento discursivo urbano,¹ buscando compreender como a palavra *casa* significa nos enunciados de sujeitos que habitam e circulam por um bairro da cidade de Campinas, no interior de São Paulo, conhecido por ser uma ‘zona de prostituição’. É no Jardim Itatinga que cerca de duas mil mulheres se prostituem nas ruas ou em casas de prostituição de pequeno, médio e grande porte. O arquivo é composto por entrevistas² realizadas com moradoras, moradores, trabalhadoras, trabalhadores e comerciantes do bairro e por recortes retirados da notícia: *Prostitutas são atendidas pela Igreja Católica*, de Laerte Ziggatti, publicada na *Folha de S. Paulo*, em 14 de julho de 1981. Ainda, busco em dicionários de Língua Portuguesa um trajeto de memória de sentidos estabilizados para *casa*, entendidos como traços históricos que possibilitam trabalhar paráfrase e polissemia. Segundo Orlandi (2001, p. 36), todo o discurso se faz nessa tensão: “é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”. Assim, a paráfrase, colocada ao lado da estabilização, sinaliza o que se mantém; trata-se do dizível que intervém pela memória. Já a polissemia joga com o equívoco, é a ruptura dos processos de significação. Questiono, desse modo: na relação entre verbetes, notícia e entrevistas, que sentidos estabilizados para *casa* se mantêm? Que outros intervêm pelo equívoco da elipse que funcionam em *casa de prostituição* e *casa de família*?

¹ São fundamentais para esta pesquisa trabalhos desenvolvidos pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores vinculados ao LABEUB – Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp.

² Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, número do CAAE: 44813515.0.0000.5404

No Jardim Itatinga, *casa*, sem complemento explícito, funciona elípticamente e significa *casa de prostituição*; por outro lado, há moradores que não têm relação direta com a prostituição e, como forma de distinção, escrevem em seus muros e portões *casa de família* ou *residência familiar*. Considero, desse modo, a elipse como um ponto fundamental de análise, visto que no *corpus* ela possibilita o trânsito de sentidos; é por esse espaço aberto na língua que a história intervém significando a palavra *casa* em seu equívoco. Ainda, a divisão entre *casa de prostituição* e *casa de família* inscreve as relações de força e as disputas pela ocupação do espaço e pela determinação dos sentidos para o espaço e para os sujeitos que nele moram, que nele trabalham. Desse modo, busco compreender, e esse é o recorte realizado, como a palavra *casa* significa no bairro Jardim Itatinga.

2 QUE CASA É ESSA?

Neste artigo trago para a discussão trajetórias de memória para a palavra *casa*. Para isso, utilizo os dicionários *Novo Aurélio do século XXI* (1999), *Dicionário de Sinônimos*, de Rocha Pombo (2011), *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* (Idéias afins) (1974), de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, e *Dicionário Geral de Sinônimos e locuções da Língua Portuguesa* (1960), de Agenor Costa. Interessa, com esse gesto, dar visibilidade à história de enunciações pela qual se constitui a regularidade dos sentidos de *casa*; a partir dessa rede parafrástica, meu interesse é olhar para o movimento dos sentidos, visto que pelas brechas da memória cristalizada é que intervém o equívoco da língua, como será mostrado na análise.

Ieda Maria Alves, em *Contribuição ao estudo do vocabulário da habitação: a palavra casa nos dicionários de Língua Portuguesa* (1997), tece sua análise com base na lexicologia histórica. A autora aponta que *casa* é uma alteração da forma *cas*³, registrada por Viterbo (1965-6), forma essa também presente em Bluteau (1712) e Vieira (1871). Analisando a raiz da palavra *scad* (ou *skad*) (forma latina) que deu origem a *casa*, a autora chega ao significado primeiro “abrigo, lugar protegido”. Esses sentidos de *casa* como sinônimo de *residência*, *abrigo* e como *lugar de habitação* se repetem na rede parafrástica das acepções nos dicionários de diversas épocas, e também comparecem na disputa de sentidos no bairro Jardim Itatinga, configurando pontos de estabilidade na memória da palavra.

Além de polissêmica, *casa*, segundo Alves (1997, p. 168), é “amplamente utilizada em sintagmas nominais, em que ocupa a posição inicial e principal”. As várias composições nominais formadas por *casa* e um qualificador mostram que a palavra significa, em sua polissemia, o movimento social e urbano. “A história da língua está intrincada na história da cidade”, é o que vai afirmar Nunes (2001, p. 108), em *O espaço urbano: a “rua” e o sentido público*. Nesse texto, o autor realiza uma análise histórico-discursiva de *rua* e seus derivados em dicionários de Língua Portuguesa dos séculos XVIII ao XX, constatando que ocorre um aumento significativo no número de palavras derivadas e compostas a partir do século XX: em Bluteau (1712), há três termos

³ Documento da Guarda, de 1298: “En Cas dos Frades Meores de S. Francisco da Guarda”.

relacionados à rua (*arruado, arruar, ruão*), já no último dicionário consultado, Aurélio (1975), as palavras derivadas e compostas aumentam para quatorze. Efeito na língua que vai ao encontro, segundo Nunes (2001), da consolidação da República e da intensificação do processo de urbanização nesse período. Ainda, o aumento dos termos diz respeito à modificação histórica na relação entre o público e o privado, que implicam novos modos de ocupar a rua e de circular pela cidade.

Considero, seguindo a compreensão de Nunes (2001, p. 101), que as palavras referentes ao espaço urbano dicionarizadas são indicadores de processos discursivos, visto que “prática urbana e prática linguística estão intrincadas na elaboração desses artefatos de língua”. Esse desenho citadino tecido pelos lexicógrafos interessa a este trabalho na medida em que os verbetes evocam e perpetuam uma memória sobre a cidade e, especificamente no caso deste trabalho, sobre *casa*, determinando como é definida e como é significada.

Percebe-se, a partir do trajeto de memória que segue, que em *casa* ecoam os sentidos de *residência, abrigo, lugar protegido, lugar construído para habitação*. Além disso, nota-se que (e isso é importante para a análise): a) *casa* só significa *bordel* quando acompanhada por qualificadores como *de prostituição, noturna, de tolerância*, etc.; b) *família* e *lar* aparecem em definições por sinonímia de *casa*.

Início com o *Novo Aurélio do século XXI* (1999, p. 420):

Casa. [Do lat. *casa*.] S. f. 1. Edifício (2) de um ou poucos andares, destinado, geralmente, a **habitação; morada**, vivenda, moradia, **residência**. 2. **Cada uma das divisões de uma habitação**; dependência, **quarto**, sala: *O porão tem três casas*. 3. **Lar; família**. 4. conjunto de bens e / ou negócios domésticos: *o governo da casa*. 5. **O conjunto dos membros de uma família; instituição familiar: a casa dos Andradas; A ilustre casa de Ramires** (título do romance de Eça de Queirós). 6. Local destinado a reuniões ou até à moradia de certos grupos de pessoas: *Casa do Minho, casa do estudante*. 7. **Estabelecimento, firma, empresa: casa comercial, casa bancária**. [...] **Casa de tolerância. casa onde se alugam quartos para encontros amorosos: 'antiga mulher de amor, gasta e repelida, abriu casa de tolerância, seduziu mulheres honestas'** (Lúcio de Mendonça, *Horas do bom tempo*, p. 207). [Sin.: *casa de recurso* ou apenas *recurso* (N. E.) e *rendez-vous* (fr.). Cf. *prostíbulo*] [...] **Casa noturna. Bras. Boate.** (grifos meus)

Nesse verbete, são reiterados os sentidos de *habitação, morada, residência*. Destaco a sequência de acepções 3, 4 e 5 que, no conjunto, amarram (e perpetuam) determinados sentidos para *casa*. A acepção 3 coloca em relação *lar, família* e *casa*, definindo, assim, um modo específico de ocupar a partir de uma união institucionalizada de pessoas. Ainda que saibamos a resposta, cabe perguntar: que família é essa posta em relação com a palavra *casa*? É pela paráfrase que os sentidos de *família* e *lar* se ligam com o de *casa*, perpetuando uma relação de reciprocidade entre elas, reiterando, de certo modo, o modelo idílico familiar burguês ao amarrar *família* a *lar* e *lar* e *família* a *casa*. Essa relação familiar e o imaginário que recai sobre essa instituição ressoam no bairro Jardim Itatinga materializado nas placas *Casa de família*. Na disputa de sentidos que circulam nessas condições de produção para *casa*, o qualificador da placa busca reiterar e reivindicar o espaço da *casa* enquanto *abrigo familiar*, determinando sentidos para o que seja *família*; em contraposição, determina também o que não é uma *família*, o que

não é, então, uma *casa de família*. Em 4, comparece a relação com a propriedade privada e com o capitalismo, visto que *casa* é significada enquanto *conjunto de bens, negócios*. É esse lugar do privado que significa a *casa* na contraposição com o que é público, com o que é de todos, com os espaços de *livre* circulação. Na acepção 5, é o sobrenome familiar que nomeia a casa: *a casa dos Andradas*. O sobrenome, enquanto símbolo de prestígio social, é empregado para evidenciar o valor (moral, social, financeiro, político) da família em questão. É o sobrenome que vincula e identifica o sujeito à família, funcionando, assim, como um hiperônimo que constitui o *conjunto dos membros de uma família*. Assim, as acepções 3, 4 e 5 são colocadas em relação de correspondência com a entrada, fazendo funcionar o discurso da família burguesa, a propriedade privada e o prestígio que tal instituição ocupa socialmente. Numa outra direção, *casa* como núcleo dos sintagmas nominais *casa de tolerância* e *casa noturna* estabelece relações semânticas com *estabelecimento, firma, empresa*, palavras que abrem a acepção 7, o que coloca *casa de tolerância* e *casa noturna* numa relação direta com o trabalho e com o modo de produção capitalista, numa relação de igualdade semântica com *casa comercial* e *casa bancária*. *Casa* é significada como negócio, como empresa. Na sequência será discutido como tais sentidos intervêm no *corpus* de análise.

No *Dicionário de Sinônimos*, de Rocha Pombo (2011, p. 255), *casa de prostituição* não comparece na descrição da entrada *casa*, enquanto a acepção *lar* é posta em destaque: “471 - CASA, **morada**, vivenda, palácio, palacete, tugúrio, teto, chalé, **lar**, fogo, canto, palheiro, palhoça, choupana, casebre [...]. **Lar** - é a '**habitação** considerada como **abrigo tranquilo e seguro da família**'” (grifos meus). É importante notar que, dentre os vários sinônimos elencados para *casa* pelo dicionário, um é eleito como principal. Há uma divisão estabelecida: *lar* é colocado em destaque a partir da relação que estabelece com a entrada. O olhar sobre diferentes dicionários nos expõe ao trabalho do equívoco na língua que o dicionário tenta organizar pela relação sinonímica, mas há sempre um ponto de divisão, de diferença na pretensa igualdade dos sinônimos.

O *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* (Idéias afins) (1974), de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, utiliza como organização dos verbetes um quadro sinóptico de categorias. Desse modo, as palavras são dispostas em colunas e “expressam as diferentes acepções, variantes e matizes de uma mesma idéia” (AZEVEDO, 1974, p. 23). Há um tema principal, e a partir dele diversas palavras são associadas. Seguindo o índice remissivo alfabético, é possível localizar a palavra *casa* como parte da entrada *Ascendência* (e, como a rede parafrástica nos indica, previsivelmente, ao lado entre parênteses está *família*):

Casa (família) – 166

166 **Ascendência, paternidade**, geração, autoria, sangue, consanguinidade, **pai**, tatá, genitor, palúrdio (gír), aba, gerador, autor dos dias de alguém, procriador, **pater-famílias, papai, progenitor, padrasto, mamãe, mãe, genetriz, mamã, madrasta**, megera (dep.), primogenitor, avô, bisavô, trisavô, tetravô, bisdono, genearca, patriarca, costado, **casa, lar**, tronco, árvore, linhagem, estirpe, estema = árvore de geração = árvore genealógica, árvore de costados; linhagem, progênie, sementeira, geração, **família**, linha, etc.. (AZEVEDO, 1974, p. 64, grifos meus).

Posta numa linha de rede associativa, *casa*, sob o hiperônimo *ascendência*, segue uma ordem semântica familiar em que *paternidade*, *pai*, *procriador*, *papai*, *padrastrô*, *mamãe*, *mãe*, *madrasta*, *avô*, *bisavô*, etc. chegam à *casa* (depois a *lar* e à *família*). Ou seja, tais relações familiares de parentesco se realizam no encontro entre *família*, *lar* e *casa* e designam quem são os moradores desse local. É importante notar que nesse verbete ressoa o discurso patriarcal, visto que na família elencada pelo dicionário mulheres e homens não têm o mesmo lugar na *ascendência*; nesse sentido, tal prioridade faz reverberar certa construção de sentidos para família. Seguindo essa rede parafrástica que amarra *casa*, *família*, *lar* e, em primeiro lugar, *paternidade*, é interessante notar que no Jardim Itatinga o jogo parafrástico funciona na relação tensa com a polissemia: de um lado, em meio a paráfrase, o *dono de casa de prostituição* é chamado de *pai*, *painho* e *marido*, colocado no lugar daquele que gerencia a *boate*, ou seja, aquele que *comanda a casa*; de outro, ao lado da polissemia, há predominantemente no bairro *donas de casa de prostituição*, mulheres que gerenciam as casas e são chamadas de *mãe*, *avó*, um outro lugar para a mulher⁴. Nesse sentido, paráfrase e polissemia trabalham *casa* no Jardim Itatinga na contradição, na tensão equívoca dos dois movimentos que se marca na materialidade linguística.

No *Dicionário Geral de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa* (1960), de Agenor Costa⁵, *família*, *lar*, *morada* e *residência* são elencados como sinônimos de *casa*, tal como nos dicionários anteriores, entretanto, é curioso como alguns compostos nominais que têm *casa* como núcleo também são listados pelo autor: “Casa [...] **Família**; **família nobre**; firma social; **lar**; **morada**, moradia; **residência**. *De má nota*: antro. *De mulheres públicas*: liceu. *De prostitutas*: curro. *De tolerância*: conventículo. *Dona de: ama*” (COSTA, 1960, p. 19). O efeito que se tem é que *casa de má nota*, *de mulheres públicas*, *de prostitutas* e *de tolerância* funcionam a partir de um sentido comum a *casa*. Se em outros dicionários de sinônimos *bordel* não aparece como sinônimo de *casa*, no de Agenor Costa o deslize de sentidos cria uma correspondência entre a entrada e os sinônimos para ela listados, ainda que seja materialmente marcado o qualificador, especificando o *tipo* de casa. É pela omissão do núcleo do composto e sua referência direta à entrada que esse efeito sinonímico se dá. No entanto, cabe ressaltar que a diferença gráfica marcada pelo uso do itálico materializa na língua uma diferença não dita. Assim, ainda que compartilhem um sentido comum, o itálico estabelece a diferença que intervém pela memória, significando o verbete *casa* e as acepções anteriores diferentemente.

Destaco a partir do que foi apontado que a) há uma memória que sustenta o efeito de evidência do que é uma *casa* (sem qualquer complemento) (todo mundo sabe que...), significada, portanto, como *lugar de habitação*, *morada*, *residência*, sinônimo de *lar* e *família*; que b) quando *casa* significa *casa de prostituição* a palavra *casa* vem

⁴ A partir de 1967, quando o Jardim Itatinga foi criado pelo poder público, quase todas as escrituras dos lotes estavam em nome de mulheres. Em seu início, como no bairro não havia nem nome de ruas, nem numeração nos lotes, as casas recebiam o nome das proprietárias e assim eram nomeadas: Casa da Lucia, Casa da Argentina, Casa da Cassilda, etc. (HELENE, 2015).

⁵ Segundo o autor, o dicionário reúne dezessete dicionários de língua portuguesa, condensando 109.188 artigos, informação posta em destaque que funciona sob o efeito de totalidade e de completude do dizer, como se, com esse gesto, fosse possível ser (o mais) completo e (o mais) preciso.

acompanhada de um qualificador que especifica de que casa se trata. À revelia, no movimento urbano do Jardim Itatinga, *de prostituição* funciona elipticamente. Desse modo, *casa*, sem complemento explícito na ordem da língua, significa *casa de tolerância*, *casa noturna*, *boate*, *bordel*, conforme as sequências destacadas abaixo. No entanto, quando *casa* deixa de significar *casa de tolerância* é necessário explicitar com um complemento: *casa de família*, *residência familiar*. Há, assim, em relação ao dicionário, uma inversão no sentido dominante de *casa* no bairro Jardim Itatinga.

[...] você tem **dono de casa** que pega e vai buscar 5, 6 mulheres lá no Paraná, paga as passagens delas, e aloja elas **na casa** [...]

[...] Têm umas meninas que trabalham que são fixas, **elas moram na casa**, né? [...]

[...] Aí decidi ficar e fui ficando. Aí eu primeiro fui morar **numa casa**, e aí nessa **casa** era assim: eu... eu tinha um contrato de acompanhar os clientes [...]



Figuras 1 e 2 – Jardim Itatinga

Fonte: Mirielly Ferraça.

Nos recortes destacados, *casa* é, então, empregada pelos entrevistados como referência a boate/bordel⁶. De um lado, na designação⁷ funciona uma elipse, *de prostituição*, assim como nas designações *dono de casa*⁸ [*de prostituição*], *dona de casa* [*de prostituição*]. De outro, essa elipse só funciona deste modo porque há em jogo relações de força que atuam na enunciação, por isso, na disputa pelos sentidos nessas condições de produção, não é necessário explicitar o qualificador: a palavra *casa* funciona

⁶ Na fachada das casas de prostituição é comum estar escrito *Boate*.

⁷ Designação aqui não é forma referencial. Considero o conceito de *designação* de Guimarães (2007, p. 82): “a designação é o modo pelo qual o real é significado na linguagem [...]. A partilha do real não se projeta sobre a linguagem diretamente. Ela é produzida pelo modo como a enunciação produz uma certa relação entre as palavras. O que é designado é uma construção de sentido, uma relação entre as palavras”.

⁸ Nota-se que o nome *dono de casa* [*de prostituição*] advém do feminino *dona de casa* [*de prostituição*]. Entretanto, enquanto no feminino coexistem em *dona de casa* dois sentidos diversos: aquela que cuida dos afazeres domésticos e aquela que gerencia uma casa de prostituição, para *dono de casa* há apenas um sentido possível: gerente.

na evidência de significar boate. Ou seja, as nomeações *casa* ou *casa de família* funcionam na divisão política desigual da sociedade (GUIMARÃES, 2005). É claro que esse efeito de evidência falha e a disputa de sentidos se materializa no equívoco da língua. Voltarei a este ponto. Na sequência, trabalho como tais trajetos de memória incidem sobre *casa* no movimento cidadão, considerando sempre a tensão e o jogo entre paráfrase e polissemia e as relações de força que dividem a cidade.

3 DE FAMÍLIA E DE PROSTITUIÇÃO: A CASA NO JARDIM ITATINGA

O acontecimento que a placa inscreve realiza-se no encontro de um memorável⁹: enunciações anteriores incidem na língua produzindo sentido no presente do acontecimento, projetando uma futuridade. Há uma memória que sustenta os qualificadores *familiar*, de residência, e *de família*, de casa. Ressoa nesses nomes compostos o trajeto de traços de memória presente nos verbetes destacados, em que *casa* significa *abrigo, lugar de habitação, residência, morada* e, mais do que isso, significa *lar e família*. Os processos históricos que colocam lado a lado *lar, família e casa* materializam-se em todos os verbetes dos dicionários aqui destacados. Assim, verbetes escritos por diferentes lexicógrafos, em países diferentes (Brasil e Portugal), de décadas diversas, amarram *lar e família a casa*. De fato, enquanto produções discursivas, os dicionários não estão fora do jogo político e histórico que constitui língua, sujeito, cidade e é nessa mesma rede parafrástica que os dizeres das placas se ancoram. No entanto, visto que a linguagem se assenta na tensão dos processos parafrásticos e polissêmicos, reitera-se que a urbanidade do Itatinga apaga os sentidos dominantes de *casa*, presentificados nos dicionários, e ao mesmo tempo ressignifica o que seja *lar, família, abrigo*¹⁰. No bairro, é preciso que tais sentidos para *casa* sejam lembrados, é necessário trazê-los à memória dos que habitam e circulam pelo local, visto que outros sentidos para *casa* estão em disputa.

De família ou *familiar* são postos nas placas como forma de distinção das demais *casas*; se esta na qual a placa se encontra é *de família*, as outras não são. Que *família* é essa? Ao reivindicar o qualificador *de família* para nomear a *casa*, a placa materializa o que historicamente se produz como ideal familiar e como ideal sexual feminino cisgênero, visto que parafrasticamente poderia ser pensado em mulher *de família*, moça *de família*, homem *de família*, expressões fortemente relacionadas a uma moral burguesa cristã, à honra sexual desses habitantes, seja pelo controle da vida sexual, no caso das mulheres, seja pela reiteração dos deveres masculinos para com a família. Trata-se do lugar *tranquilo e seguro*, do *abrigo* da família (burguesa), conforme reiterado pelos dicionários. Ainda, cabe lembrar o verbete *ascendência* que materializa essa memória patriarcal sobre família.

⁹ Para Guimarães (2005, p. 12), o presente e o futuro, próprios do acontecimento, funcionam a partir de um passado que os faz significar. O autor destaca que esse memorável não é “lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações”.

¹⁰ Essa ressignificação também se relaciona à resistência desses grupos.

Se, nos dicionários, as palavras não devem ser entendidas como etiquetas da realidade, tampouco isso se aplicaria aos nomes que circulam pelo Jardim Itatinga. No movimento de sentidos, *casa* não significa *apenas* boate, ela significa ambigualmente. Numa perspectiva materialista, a ambiguidade não é vista como disjunção lógica, mas como possibilidade de equívoco, lugar do real da língua: “a pesquisa linguística começaria assim a se deslocar da obsessão da ambiguidade (entendida como lógica do ‘ou...ou’) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc...” (PÊCHEUX, 2008, p. 50). Maria Cristina Leandro Ferreira, na tese *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao equívoco* (1994), trabalha com a ambiguidade considerando-a caso-limite para se deparar com o equívoco: “ambigüidade passa de ‘um acidente’ a algo ‘inerente’ a todo discurso e que se expressa por uma indeterminação latente, cujo conhecimento e manipulação constituem-se em forma de poder.” (LEANDRO FERREIRA, 1994, p. 156). O equívoco é, desse modo, lugar onde a contradição vem se instalar, expondo a incompletude da linguagem (ELIAS DE OLIVEIRA, 2012) enquanto possibilidade de jogo, de movimento de sentidos. Considero, portanto, seguindo a perspectiva materialista, que a palavra, em sua relação ambígua e polissêmica, abre espaço para o conflito, para a contradição que a constitui.

No *corpus*, a palavra *casa* assume diversos efeitos de sentido: lar, residência; boate, bordel; empresa; prisão. Na opacidade e na contradição de seu funcionamento, a palavra deixa de ter um sentido unívoco e passa a significar o ambíguo simultaneamente, no encontro e no desencontro de significados distintos: boate, lar, empresa e, por vezes, prisão. Significados, talvez, *impossíveis* de serem atribuídos a um mesmo significante pelos dicionários, por exemplo, mas, como não se trata de uma relação unívoca, esses diferentes sentidos coexistem enunciativamente, significando pelo equívoco sujeitos e espaço. É essa *necessária incompletude das definições* – que a lexicografia tenta apagar – que faz com que uma palavra possa significar diferentemente, que possa ser significada no interior do acontecimento enunciativo a partir de uma posição que inscreve sujeito e história.

Para o *dono de casa*, *casa* é empresa:

(1)

Geralmente é o seguinte, eu respondo por mim, **na minha casa tem várias pessoas**, por exemplo, **eu tenho três funcionários, eu sou o dono, mas eu trabalho, eu faço a parte de um dos funcionários, mas tem a cozinheira**, como eu falei faz almoço pra elas, **eu tenho a gerente que cuida do balcão**, eu tô agora porque **ela** entra 6 horas, **ela** faz a comida de manhã e à noite **ela** vem trabalhar, **a gerente e a faxineira**. Então, eu trabalho dessa maneira, certo? (grifos meus).

(2)

Se você entrar em uma empresa, qual é o seu objetivo? Não é ganhar dinheiro e fazer sua vida? **Aqui é a mesma coisa se fosse uma firma, eu considero esse bairro inteiro como uma firma**, todo mundo ganha dinheiro por aqui, seja no sexo, seja... E você entendeu? (grifos meus).

Retomo o *Novo Aurélio do século XXI* (1999), em que *Estabelecimento, firma e empresa* abrem a acepção 7, e em que *casa de tolerância* e *casa noturna* são apontadas como possibilidades de sentido para a entrada. *Casa de tolerância*, desse modo, está em relação de correspondência com o trabalho e o modo de produção capitalista, sentido presente no verbete e na fala do entrevistado, proprietário de uma *casa*. Nas sequências enunciativas 1 e 2, os sentidos para *casa* funcionam na relação criada entre bordel e empresa. Para pensar nos sentidos produzidos pela sequência enunciativa 1, recorro ao conceito de *reescrituração* de Guimarães (2009, p. 53):

[...] o procedimento de reescrituração consiste em se **redizer o que já foi dito**. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão. **Esse procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração)**. (grifos meus)

O processo de reescrituração coloca em funcionamento uma operação que constitui os sentidos do enunciado no acontecimento enunciativo, podendo ocorrer, segundo Guimarães (2007, p. 84), por *repetição, substituição, elipse, expansão, condensação e definição*. No recorte destacado para a análise, a *reescrituração* funciona por *expansão enumerativa*. Assim, o enunciado inicial *várias pessoas* é reescrito trazendo sentidos para *casa* e para quem a habita. *Várias pessoas* é, então, reescrito por *três funcionários*, expressão expandida e reescrita por *dono, cozinheira, gerente, a gerente e a faxineira*. Desse modo, as relações de sentido criadas pela *reescrituração* determinam *várias pessoas*, significando-as numa relação de trabalho: trata-se do proprietário, o *dono*, e os demais, *cozinheira, gerente e faxineira*. Uma palavra reporta à outra, fazendo o enunciado significar no encontro de todas essas predicções, efeito metafórico em que *casa* metaforiza empresa e firma. A relação de trabalho que se estabelece ao enumerar essas profissões, relacionadas ao acontecimento enunciativo em que quem relata é um *dono de casa*, constrói enunciativamente o sentido empresarial para *casa*¹¹. Ao inscrever os membros dessa *casa* numa relação de trabalho, os sentidos para *casa* e para aqueles que a ocupam diferenciam-se daqueles descritos pelos dicionários, visto que agora se trata de *patrão e empregados*.

Em 2, o bordel marcado pelo dêitico de lugar *aqui* é colocado numa relação de igualdade com *firma*: *é a mesma coisa*. O *aqui* é também comparado a *firma*, mas a partir do modo subjuntivo que faz significar hipótese e possibilidade: [como] *se fosse uma firma*; então não é. De fato não é uma empresa, mas funciona como uma. *É a mesma coisa, é como se fosse, eu considero* marcam o trânsito dos sentidos que fazem *casa de prostituição* ser *firma* ao mesmo tempo que não pode ser. Apesar de as casas de prostituição funcionarem nos moldes comerciais de oferta e venda de serviços, constitucionalmente essa relação não poderia existir. Segundo os artigos 227, 228, 229 e

¹¹ Além do discurso empresarial que sustenta a relação de trabalho entre prostitutas e o dono da casa, incide também pela memória a luta histórica pela legalização da profissão, defendida pela Associação Mulheres Guerreiras de Campinas. Cito, como exemplo dessa luta, o Projeto de Lei Gabriela Leite, que, há anos, reivindica a legalização dos direitos trabalhistas das prostitutas.

230 do Código Penal¹², é crime induzir, incentivar alguém à prostituição, tirar proveito da prostituição alheia ou manter estabelecimento em que ocorra exploração sexual. Assim, constitucionalmente, *casa de prostituição* não poderia ser nomeada como uma empresa, uma *firma*; entretanto, no movimento citadino e no movimento dos sentidos, *casa* é, no Jardim Itatinga, *morada, bordel e firma*. A ilegalidade instaura o *como se*, fazendo lembrar que estes sujeitos e suas atividades estão postos à margem das relações sociais legitimadas jurídica e socialmente. É no encontro e desencontro dessas possibilidades de nomeação e de significação que a palavra *casa* se constitui, significando desse modo o espaço, os sujeitos que habitam essa *casa*, que por ela transitam, que nela trabalham.

No contraponto com as placas *casa de família e residência familiar* e na memória que atravessa as palavras *casa, família, lar e boate*, a casa de prostituição no Jardim Itatinga se constitui, encontrando-se nesse entremeio, significando e ressignificando os sentidos:

Quando a gente estava chegando, uma delas falou: “ah, o que você vai falar com meu **marido**?”. Elas chamam **você de marido** também?

(3)

N...é... elas chamam de **pai, painho**, né? É porque você sabe, a gente tem um.... carinho por elas, **é como se fosse isso aqui uma casa familiar... A minha casa, ela assim é vista como uma casa tipo familiar**, todo mundo é amigo, então todo mundo pede a ajuda de todo, então quer dizer às vezes elas tratam eu aqui como **painho**, a maioria delas. (grifos meus)

(4)

Esse risco a gente corre, **mesmo sendo uma casinha** que nem eu falo pra você **que é uma boate, mas uma boate assim social, uma boate familiar, que todo mundo se sente bem, cliente vem e se sente bem**, mas o risco não deixa de ter. (grifos meus)

Se *família* é um traço semântico definidor de *casa*, ainda que não seja a mesma *família* reivindicada na placa, na *casa [de prostituição]* os sentidos de organização familiar ecoam. O *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* (Idéias afins) (1974), organizado por temas, coloca *casa* na entrada *ascendência*. Na rede associativa realizada pelo lexicógrafo, as figuras familiares são elencadas começando pelo masculino depois para o feminino até se chegar a *casa* e a *lar*, reiterando que o lugar da família é a *casa*, significando também que família é essa, além de perpetuar um modelo patriarcal familiar. Na sequência 3, a partir da pergunta proposta, a reescrituração é feita por substituição seguida de repetição: de *marido*, *marido* para *pai, painho, eu e painho*. É curioso como ao tomar a palavra o *dono de casa*, ao ser associado à figura do *marido*, substitui a palavra por *pai, painho*, negando com esse gesto a identificação a marido. Popularmente, a famosa figura do cafetão é nomeada como *marido*, tal como relata Gabriela Leite¹³, na

¹² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm. Acesso em: 5 mar. 2018

¹³ Foi uma prostituta e ativista social, fundadora da ONG Davida, organização que defende os direitos das prostitutas.

obra autobiográfica *Eu, mulher da vida*. Nega-se esse sentido primeiro associado à figura do cafetão e o discurso desliza para outro lugar: para uma relação paternal, na qual as prostitutas passam, então, a ser *filhas do dono de casa*. Ainda, a reescrituração realizada com o diminutivo, de *pai* para *painho*, acrescenta à substituição uma relação de proximidade e afetividade, tom inclusive reiterado na sequência: “É porque você sabe, a gente tem um... *carinho* por elas”. Na tessitura do dizer, *marido, pai, painho, esposa e filha* se imbricam com *dono de casa, gerente, proprietário* e com *prostituta, funcionária, inquilina* e, pela contradição, significam espaço e sujeito, atribuindo sentidos a *casa*. Desse modo, os efeitos de sentido para *casa* imbricam-se: *casa é firma, é lar, é boate*, como descrito e reiterado nas sequências 3 e 4.

A *reescrituração* e o direcionamento argumentativo trabalham os sentidos para *casa*. Em 4, *casinha* é reescrita por *boate*, depois por *boate assim social* e, por fim, *boate familiar*. *Mesmo sendo* e *mas* são operadores que, no enunciado, colocam em funcionamento uma ressalva argumentativa, uma relação adversativa para essa *casinha* que é *uma boate*. Desse modo, não é uma boate qualquer, é *uma boate assim social, uma boate familiar*. Assim, ao se reescrever por expansão *boate*, intervêm pela memória outros sentidos para essa *casa*, soma-se ao local de prostituição relações amigáveis e familiares; *casa* passa a significar no efeito de sentido estabelecido entre *boate* e *família*: *nessa casa todo mundo se sente bem*. *Todo mundo* é reescrito por *cliente*, ou seja, quem se sente bem na *casinha* é o cliente, é ele quem importa. Na sequência 1 *várias pessoas* reescreve os *funcionários* da *casa*; aqui, na sequência 4, *todo mundo* reescreve *cliente*, e mais uma vez *casa* passa a ser significada na relação com o discurso empresarial. É o trabalho que une essas pessoas na *casa de prostituição*.

Confinamento é uma palavra forte e presente nas entrevistas. É relatado que muitas mulheres vêm de outros estados para trabalhar nas *casas* do Jardim Itatinga¹⁴, e que algumas contraem dívidas de transporte, estadia e alimentação com os *donos e donas de casa* e, por isso, ficam confinadas até pagarem o que devem.

(5)

As meninas, por exemplo, elas ficam algumas em **cárcere**, elas têm horários para ficar nas **casas**, algumas devem para a **casa**, e a gente já tem a confiança do **dono da casa** para fazer os atendimentos aqui, porque é uma coisa rápida, elas marcam, qualquer coisa eles vêm olhar, e a identificação deles fica preservada.¹⁵ (grifos meus)

Sentidos outros habitam simultaneamente *casa*, significando espaço e sujeitos na contradição. Na opacidade da palavra, para além de *firma, bordel e morada*, um outro sentido se instala: *cárcere*. De moradoras a prisioneiras. É com naturalidade que uma agente de saúde relata sua rotina de trabalho no bairro: (5) “a gente já tem a confiança do dono da casa para fazer os atendimentos aqui [...]”. Naturalização de um certo tipo de habitar a *casa*, um modo de habitar recoberto pela interdição da circulação. Na sequência 5, a reescrituração de *cárcere* para *casa* ocorre por repetição e não por substituição. No Jardim Itatinga, *casa é cárcere*.

¹⁴ Sobre tráfico de mulheres: http://correio.rac.com.br/_conteudo/2016/05/campinas_e_rmc/427885-homem-e-presos-por-trafico-de-mulheres-em-viracopos.html Acesso em 24 de fevereiro de 2018.

¹⁵ Agente de saúde.

Nota-se uma variedade de definições que tentam dizer o que é, então, *casa*. É nessa impossibilidade de definir (que também está presente nos dicionários, mas apagada pelo efeito de completude) nessa imbricação e na deriva de sentidos que *casa* significa no Jardim Itatinga. Ao mesmo tempo e contraditoriamente, *casa* significa *lugar de morada*, *abrigo*, *residência*, *empresa*, *local de trabalho* e, por vezes, *lar* e até *cárcere*.

Ao se determinar *casa* com *de família*, busca-se cercar o sentido, fazendo incidir uma memória burguesa sobre a palavra-núcleo. Ao contrário da determinação, a elipse abre para a incompletude da linguagem, o silêncio se instala e na brecha aberta sentidos outros podem intervir no acontecimento enunciativo. É a não-determinação causada pela elipse que possibilita o trânsito de sentidos. A elipse *desestabiliza os olhares e os sentidos* (LAGAZZI, s.d.), é uma ruptura na linearidade que abre para um excesso. Na sequência, interessa pensar no equívoco da língua como possibilidade de jogo político, histórico e ideológico a partir da elipse e sua falha.

4 O EXCESSO DA FALTA

Segundo Bechara (2002, p. 476), a elipse é a “omissão de um termo facilmente subentendido” por faltar onde normalmente aparece ou por ter sido “anteriormente enunciado ou sugerido” ou, ainda, “por ser depreendido pela situação, ou contexto”. Nessa perspectiva, a elipse significa falta e pressupõe uma intenção clara e racional de quem a emprega e um fácil reconhecimento de quem a ouve ou a lê, como se o sentido fosse unívoco e inescapável, como se o sujeito pudesse completar a “lacuna” sem margem de erro.

No texto *A elipse (falta necessária) e a incisa (acréscimo contingente): o estatuto da determinação na gramática e sua relação com a subjetividade* (2016), Claudine Haroche questiona justamente essa tradição gramatical que concebe a elipse como um procedimento de substituição, uma falta evidente ou ainda um complemento objetivo, características essas que reforçam o caráter linear da linguagem. Haroche (2016, p. 244) defende que essa falta, que funciona na elipse e nasce de uma ruptura do fio do discurso, “faz intervir algo que se encontra além, alhures” e “esse algo é também alguém, o sujeito...”.

Em um movimento semelhante, Orlandi (2007) também questiona a compreensão de *falta necessária* que a história gramatical faz da elipse. Em *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007, p. 47), a autora defende que o silêncio está na base dessas noções gramaticais: “o silêncio é assimétrico em relação ao dizer e a elipse é do domínio do silêncio”. A elipse é da ordem da incompletude, que instala a possibilidade de outros sentidos irromperem na ordem da língua, a depender do gesto de leitura realizado pelo sujeito, inscrito em uma posição. A incompletude, diz Orlandi (2007, p. 47), produz a possibilidade do múltiplo: “quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam”.

Em diálogo com a Análise de discurso, Guimarães (2010), ao considerar no acontecimento a língua posta em funcionamento pelo interdiscurso, inclui aí o silêncio, tal como compreendido por Orlandi (2007), como constitutivo da linguagem: “a relação

de contingência que consideramos diz que para significar é preciso que haja um fora. E o silêncio é o exterior absoluto da linguagem, que a faz significar. A linguagem significa, completamente, no equívoco” (GUIMARÃES, 2010, p. 88). É a presença do interdiscurso e do silêncio na enunciação que abre espaço para o equívoco. É esse lugar de “não-preenchimento” que possibilita o movimento dos sentidos e é nesse lugar que a palavra *casa* se instala. Dessa forma, para além de a elipse omitir um termo que pode ser “facilmente subentendido” ou “depreendido pela situação ou contexto” (BECHARA, 2002, p. 476), como prevê o discurso gramatical, no *corpus* ela funciona como ausência-presença; a elipse marca em sua falta um excesso, visto que o silêncio no qual ela se instala produz uma abertura equívoca para sentidos outros se instalarem e, desse modo, trabalharem a textualidade.

Em 1981, a ação da Igreja Católica no bairro Jardim Itatinga é noticiada na *Folha de S. Paulo*. Nesta ordem, aparecem as seguintes ocorrências para *casa*:

(6)

- a) Padre Chiquinho, como é conhecido, trabalhou nove anos no Paraná, em Comunidades Eclesiais de Base rurais. Está em Campinas desde 1979, estabelecendo seu campo de ação no Jardim Itatinga, **local para onde foram confinadas as casas de prostituição da cidade.**
- b) Visitas diárias, **de casa em casa**, marcaram o início de seu trabalho.
- c) O primeiro passo foi **fazer levantamento geral das casas**, do número de mulheres e problemas existentes.
- d) **Com ajuda do Instituto Santiago, padre Chiquinho alugou, no bairro, uma casa, que será utilizada, segundo escolha das prostitutas, como capela para cursos de batismo e missa**, para cursos profissionalizantes de corte, costura, crochê, bordado e para serviços de atendimento médico, psicológico e jurídico.

Logo no primeiro parágrafo (a), ao descrever o bairro Jardim Itatinga, o jornal utiliza a palavra *casa* seguida do qualificador *de prostituição*. Na sequência da notícia, o qualificador aparece elíptico, em (b) *de casa em casa* e (c) *levantamento geral das casas*, mas em (d) a elipse é barrada. É interessante marcar como *casa* em (b) e (c) funciona não só pela relação que estabelece com (a) ao recuperar, elípticamente, o sentido primeiro expresso na notícia, mas também por materializar na não explicitação do qualificador uma disputa pelos sentidos que circulam no bairro, colocando *casa* em correspondência com *bordel*, como apontado nas sequências enunciativas analisadas anteriormente. Ou seja, para além de um trabalho textual em que um elemento elíptico é simplesmente retomado, tem-se que esse elemento elíptico [*de prostituição*] funciona desse modo porque há em jogo relações sociais e políticas no espaço citadino do Jardim Itatinga em que o sentido dominante para *casa* (sem qualificador) é *bordel*. Assim, a elipse que se materializa no recorte do *corpus* não revela um vazio, ausência ou falta, mas funciona no excesso, na materialização de relações de forças que dividem a cidade.

Em (d) a elipse falha e um outro sentido para *casa* irrompe. *Casa*, usada sem complemento, ao contrário das ocorrências anteriores da notícia, comparece com um outro sentido (morada, abrigo). Há em jogo uma memória histórica que significa a evidência de casa em (d), inclusive porque o sujeito da oração é o padre Chiquinho, lugar que convoca outros sentidos para a palavra *casa*, não sendo mais significada aqui como *bordel*. Irrompe nessa quebra da elipse um sentido que intervém pela memória, no encontro do trajeto de sentidos discursivizados pelos dicionários aqui citados.

Ernst-Pereira (2009) trabalha com a noção de *estranhamento*. Para a autora, o estranho se localiza na quebra da ordem esperada, e, sob um efeito desconcertante, expõe o conflito existente entre formações discursivas. Assim, na ordem intradiscursiva, o interdiscurso “incide na cadeia significativa”, marcando, sob o efeito da imprevisibilidade, da inadequação e do “distanciamento daquilo que é esperado”, a “desordem no enunciado”. Poderíamos dizer que, ao seguir a textualidade da notícia, uma leitura possível para a sentença (d) seria completar *casa* com o complemento elíptico da sequência, o que causaria um *estranhamento*: “Com ajuda do Instituto Santiago, padre Chiquinho alugou, no bairro, uma casa [**de prostituição**][...]”. Aqui a elipse falha, falha na impossibilidade de a ordem da língua admitir que o complemento nominal de *casa*, nesse caso, seja *de prostituição*. Essa impossibilidade é estabelecida pelo interdiscurso, pela memória que se tem sobre o lugar social de padre, sobre a Igreja, sobre a prostituição e seus locais de trabalho. Assim, na falha da elipse o complemento exigido é outro, a leitura só poderia ser outra daquela construída ao longo da sequência da notícia; continuar completando *casa* com *de prostituição* instalaria o *estranhamento*. A elipse resvala, ela tropeça na memória cristalizada sobre *casa* e sobre padre. É, pois, na língua que se encontra o equívoco.

Há um sentido dominante na sociedade que preenche a elipse para *casa*, sentido reiterado na sequência pela explicativa. Dizer que a *casa* alugada *será utilizada como capela para cursos de batismo e missa, para cursos profissionalizantes de corte, costura, crochê, bordado e para serviços de atendimento médico, psicológico e jurídico* é barrar a elipse, é redizer que, de fato, esta não é uma casa de prostituição. Inclusive, não há *estranhamento* porque pela subordinada fica implícita a não realização da elipse, fica reiterado um outro sentido para *casa*. Assim, tanto a incidência da memória na língua quanto a própria sintaxe do enunciado (pela subordinada) trabalham os sentidos para *casa* e reafirmam e desencontro da elipse em (d) em relação às ocorrências anteriores.

A elipse, dessa forma, abre espaço para a incompletude, é uma entrada na sintaxe que permite o trânsito de sentidos. Trata-se do encontro do linguístico e do exterior: “a elipse é o lugar onde se encontram, inevitavelmente, o linguístico e o extralinguístico, formalismo e ideologia, língua e história.” (HAROCHE, 2016, p. 239-240).

A incidência da memória no interior da língua e a disputa pelos sentidos para *casa* também se materializam nas entrevistas; a elipse é barrada no interior do acontecimento enunciativo pelo exterior que intervém na ordem da língua. Assim, passa-se de *casas* [de prostituição] para *casa* [de família] sem a necessidade de explicitar o qualificador, mas ressalta-se que essa passagem de uma *casa* a outra não se dá de modo linear, visto que o exterior intervém com força movimentando os sentidos.

(7)

Minha vó, ela lavava roupa no Itatinga, né, lá pro.. pras... pro... **ela ia lá nas casas**, pegava a roupa, **levava pra casa dela**, lavava e depois devolvia passado, lavava e passava. E outras pessoas cuidavam de crianças, e isso era uma coisa que era bem comum lá no Maria Rosa¹⁶.
(grifos meus)

¹⁶ Morador do Maria Rosa, trabalhou no Jardim Itatinga como agente de saúde.

Há, nesta sequência, uma reescrituração por repetição em que *casas* em (a) “ela ia lá nas casas, pegava a roupa” reescreve *casa* em (b) “levava pra casa dela”. No entanto, *casas* em (a) não é a mesma *casa* de (b). Nesse trecho, o entrevistado relata que a avó lavava roupa para as casas de prostituição e que realizava o trabalho em sua própria casa. A elipse de (a) é barrada porque outra se instala: de *casas* [de prostituição] intervêm *casa* [de família]. É um memorável sobre *casa*, sobre *família*, sobre *moralidade*, sobre *trabalho* que preenche a lacuna deixada pela elipse, pela não determinação da palavra. Esse movimento elíptico trabalha com os deslizamentos de sentido, abrindo espaço para o equívoco.

Na sequência 8, a representante da associação fala sobre a relação de trabalho que ela tinha com a primeira *casa* em que morou, mencionando o acordo contratual estabelecido com o *dono de casa*, e diz que “algumas *casas* ainda funcionam da mesma maneira”.

De ter o contrato?

(8)

É... mas... mas **muitas casas, as meninas...** é... hoje **elas moram nas suas casas** e vêm todos os dias só trabalhar e vão embora... hoje, né?

Antes elas moravam **aqui** ?

Antes elas moravam mais na casa onde elas trabalhavam mesmo ¹⁷. (grifos meus)

De (a) *É... mas... mas muitas casas*, para (b) *hoje elas moram nas suas casas*, para (c) *Antes elas moravam aqui?*, para (d) *Antes elas moravam mais na casa onde elas trabalhavam*. Em (a), (c)¹⁸ e em (d), funciona elipticamente um [*de prostituição*], entretanto em (b) incide uma outra memória para *casa*, significando-a diferentemente das demais ocorrências. Assim como nas sequências analisadas anteriormente, não há um qualificador que determine a mudança de sentido de uma *casa* para outra, mas é a abertura da elipse, na não-determinação, que outros sentidos intervêm pelo interdiscurso, sinalizando a incompletude da linguagem. A *casa* em (b) não é mais *boate* (em que funcionam simultaneamente *local de trabalho, morada, lar*); *casa*, nessa ocorrência, se refere a um outro modo de habitar e ocupar tal espaço. Assim, muito mais que uma separação espacial, visto que essa *casa* não se localiza no Jardim Itatinga, há uma separação de sentido, uma barreira que divide *casa de família, lar, abrigo protegido, morada de casa de prostituição, bordel, empresa, cárcere*.

Trabalhar com a elipse a partir de uma perspectiva materialista da linguagem possibilitou questionar a visão gramatical segundo a qual a elipse é uma *falta necessária*, um termo oculto que pode facilmente ser preenchido ou recuperado sem margem de erro, como se os sentidos fossem evidentes, como se a língua fosse completa e linear. Foi com base em Haroche (2016), autora que considera na elipse o encontro do linguístico com o exterior; em Orlandi (2007), para quem o silêncio e a incompletude da linguagem, enquanto constitutivos, possibilitam o movimento dos sentidos; e em Guimarães (2005, 2010), autor da Semântica do Acontecimento, teoria que considera que sentido e

¹⁷ Prostituta e representante da Associação Mulheres Guerreiras.

¹⁸ O *aqui* reescreve, por substituição, *casa de prostituição*.

textualidade se constituem historicamente, sendo a memória organizada pelo presente do acontecimento, projetando uma futuridade, que foi possível deslocar a interpretação tradicional da elipse e passar a ver em sua *falta* um *excesso*. Desse modo, foi possível compreender o funcionamento da elipse e sua falha no *corpus* aqui trabalhado, considerando a falta enquanto fissura na sintaxe que abre espaço para o movimento de sentidos outros. Segundo Leandro Ferreira (1994, p. 62), “pelo viés da falta, da falha, *do* indefinido é que se dão os deslizamentos, as rupturas que fazem e desfazem sentidos. E é nesse jogo com e sobre a linguagem que tais fenômenos vêm à tona, ganhando corpo e significação”. Cidade, espaço e sujeitos se constituem na repetição da paráfrase que intervém pela memória, mas também na polissemia, no movimento, nesse trânsito de sentidos que se marca (n)a língua.

Casa aparece nem só/tão ao lado da ambiguidade e nem só/tão ao lado da polissemia, mas compreendida na diferença, na divisão material das relações sociais. Considerar a palavra em sua espessura é dar visibilidade ao funcionamento contraditório do político marcado na língua: “colocando-me no domínio das posições materialistas vou considerar o político como algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem e [...] o acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2005, p.15). Assim, ao considerar a palavra em movimento na cidade, disputada pelos sujeitos que falam sempre a partir de uma posição, num acontecimento enunciativo, é possível compreender o jogo político e histórico no qual ela se insere.

5 ESPAÇO, SUJEITO E SENTIDO

É preciso enfrentar as evidências da significação. Tal como concebido pelos teóricos materialistas que fundamentam este estudo, a língua não é espelho da realidade, não é transparente e não possui um sentido unívoco. É opaca e espessa. Mais do que nomear algo, na palavra está materializada a relação ideológica, histórica e política do sujeito e do social de que faz parte. Pela repetição há deslize. O que ressalta é que há movimento dos sentidos e dos sujeitos a partir da relação tensa em paráfrase e polissemia. Assim, sujeito, língua, espaço e cidade se constituem mutuamente e infinitamente, imbricados pela contradição.

Nesse percurso teórico-metodológico, a palavra *casa* foi a entrada possível para analisar sujeito, espaço e sentido. Na história de enunciações da palavra em diferentes dicionários de Língua Portuguesa foi possível vislumbrar o funcionamento da paráfrase e da polissemia ao se relacionar verbete e entrevistas. Se há repetição, tal como o funcionamento de *casa* e sua relação de correspondência com *lar* e *família*, há também ressignificações, há sentidos que escapam pelas fissuras da história, no equívoco da língua, podendo *casa* significar *bordel*, *empresa*, *cárcere* (simultaneamente, contraditoriamente).

É na falha da elipse que intervém o equívoco, o real da língua. Nós não descobrimos o real, diz Pêcheux (2008, p. 29), “a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra”. A elipse foi analisada neste trabalho como excesso, como ruptura marcada na linearidade da língua que abre para a incompletude, não-preenchimento que possibilita o trânsito de sentidos. É na falha da elipse que outros sentidos intervém pela memória, pelo

interdiscurso. No movimento histórico, político e ideológico a palavra significa língua e sujeito; significa espaço e as relações entre sujeito e cidade, entre *casa* e rua, entre público e privado, em seus encontros e desencontros, em seus diálogos e contradições.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. Contribuição ao estudo do vocabulário da habitação: a palavra casa nos dicionários da Língua Portuguesa. *An. mus. paul.* [online], v. 5, n.1, p.163-172, 1997.
- AZEVEDO, F. F. dos S. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* (Idéias afins). Editora de Brasília, 1974.
- BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. XII, 716 p.
- COSTA, A. *Dicionário geral de sinônimos e locuções da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Luso-brasileira LTDA, 1960.
- ERNST-PEREIRA, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO - SEAD, 4., Porto Alegre, 2009. *Anais do...* Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. Cidade e urbanidade: algumas relações entre palavras. *Web-Revista Discursividade: estudos linguísticos*, Campo Grande, n. 9, s.p., jan./maio 2012.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M.C. (Org.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2007. p.77- 96.
- GUIMARÃES, E. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, jan./jun. 2009.
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 4. ed. Campinas: Editora RG, 2010.
- HAROCHE, C. A elipse (falta necessária) e a incisa (acréscimo contingente): o estatuto da determinação na gramática e sua relação com a subjetividade. In: CONEIN, B. et al. *Materialidades discursivas: a espessura da linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- HELENE, D. *“Preta, pobre e puta”*: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. 2015. 334f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- LAGAZZI, S. Limites em movimento. In: *Escritos: percursos sociais e sentidos na cidade*. Vol. 1. Laboratório de Estudos Urbanos – Labeurb. Série Escritos. s.d. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos1.pdf> Acesso em: 25 jan. 2018.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. *Da ambiguidade ao equívoco: da resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- LEITE, G. S. *Eu: mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- NUNES, J. H. O espaço urbano: a ‘rua’ e o sentido público. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas, SP: Pontes, 2001. 190 p.
- ORLANDI, E. P. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução E. P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- ROCHA POMBO, J. F. da. *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. 526 p. (Coleção Antônio de Moraes Silva; v. 10).
- ZIGGIATTI, L. Prostitutas são atendidas pela Igreja Católica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1981.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Sheila Elias de Oliveira pela orientação da pesquisa, desenvolvida como trabalho de Qualificação de Área, na Pós-Graduação em Linguística da Unicamp.

Agradeço à equipe do Centro de Memória da Unicamp (CMU) por facilitar o acesso aos periódicos e às demais obras do acervo.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.